

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA E O DIÁLOGO POSSÍVEL
ENTRE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA - CONTRIBUTOS PARA A FORMAÇÃO
DE PROFESSORES EM TIMOR-LESTE

BRIEF CONSIDERATIONS ON FAMILY AND ON THE “POSSIBLE”
DIALOGUE BETWEEN EDUCATION AND PHILOSOPHY – CONTRIBUTES
TO IN-SERVICE TEACHER TRAINING IN EAST TIMOR

Bruno Alexandre Miranda Coimbra

Investigador no Centro de Administração e Políticas Públicas da Universidade de Lisboa, na linha de investigação: Avaliação de Políticas Públicas em Educação. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Português e Inglês, Mestre em Administração Pública e Educação e Doutorando em Ciências da Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Submetido: 15 de junho de 2016
Aceito: 30 de setembro de 2016
Publicado: 17 de novembro de 2016

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA E O DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA – CONTRIBUTOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TIMOR-LESTE

Bruno Alexandre Miranda Coimbra*

Resumo: Num momento em que se tem intensificado o interesse pela educação e pela mobilização de todos os intervenientes com especial intervenção no *locus* educativo, a investigação e o dissertar sobre a educação, são chamados a contribuir para o aprofundar de áreas ainda pouco exploradas no domínio educativo (como são a importância da família e do papel do professor nas relações que estabelecem dentro e fora da sala de aula). Pretendemos com este *diálogo*, enraizado num pensamento filosófico-educacional, despertar curiosidade aos novos investigadores que agora vão surgindo no território e que este seja também um contributo para a formação de professores em Timor-Leste.

Palavras-chave: família; novas tendências; educação; filosofia; professor; políticas educacionais.

BRIEF CONSIDERATIONS ON FAMILY AND ON THE “POSSIBLE” DIALOGUE BETWEEN EDUCATION AND PHILOSOPHY – CONTRIBUTES TO IN-SERVICE TEACHER TRAINING IN EAST TIMOR

Abstract: Education has been grasping interest within those with specific and important roles in education. Research and therefore researchers are being invited to do research in areas less studied like the role of family and of the teacher and the establishment of educational connections inside and outside the educational *locus*. With this *dialogue* with philosophical and educational insights, we pretend to give a small contribution to new researchers around the territory and hopefully will be of much help to teacher training in East Timor.

Keywords: family; actual tendencies; education; philosophy; teacher; educational policies.

* Investigador no Centro de Administração e Políticas Públicas da Universidade de Lisboa, na linha de investigação: Avaliação de Políticas Públicas em Educação. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Português e Inglês, Mestre em Administração Pública e Educação e Doutorando em Ciências da Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.1.110>

“As sociedades transformam-se: vão e vêm...
As tecnologias mudam o trabalho, a comunicação,
a vida quotidiana e até mesmo o *pensamento*. As
desigualdades deslocam-se, agravam-se, são *recriadas* em
novos terrenos. Os actores *encontram-se* em múltiplos
campos sociais; a modernidade não permite que ninguém
se proteja das contradições do mundo. Que lições
devemos extrair disso para a formação de professores?”
(Perrenoud, 2002)

LINHAS DE FORÇA DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Iniciamos este diálogo entre a educação e a filosofia colocando em debate a profissionalidade pedagógica e a formação de professores. Começamos por questionar aquilo que designamos como o entendimento tradicional do papel da escola e do professor para depois nos centrarmos numa das dimensões fundamentais da atividade do professor: a relação pedagógica e para finalmente tirar implicações para a formação inicial e contínua de professores.

Referenciado à família o professor tenta constituir-se como um seu prolongamento assumindo-se como educador total, isto é, tentando abarcar a totalidade da personalidade da criança e do jovem. Resultando então que o professor imbuído de visão ingénuo maternalista e paternalista vai assumindo uma parte cada vez maior desse papel à medida que a família se desresponsabiliza. Esta perspetiva tradicionalista, e ainda muito presente, tem conduzido a uma certa alienação do papel da escola e do professor, nunca esquecendo de que a predominância de uma ou de outra na organização de um sistema ou rede de educação, depende da tendência ideológica do partido ou do grupo político que detém o poder local, regional ou nacional (Campos, 2007). O professor, especialista num determinado domínio científico-cultural quer abarcar a totalidade da educação da personalidade da criança e do jovem, atuando como agente de mudança e agindo sobre aqueles que ainda não estão maduras para a vida social (Durkheim, 2001).

A escola que vê os seus desígnios aumentados de forma insustentável depois que lhe incumbiram a função de reparadora dos males do mundo, é levada a esquecer os limites e os objetivos da sua ação pedagógica.

Como pedagogos certificados e reconhecidos academicamente, os professores são profissionais de aprendizagens específicas em domínios particulares e num espaço restrito, a escola. A educação enquanto processo abrangente da formação da personalidade decorre de forma independente da escola. Isto não significa uma diminuição da importância da escola e do professor nem um apelo a um menor empenhamento, quer dizer sim que a atuação da escola e do professor tem limites e objetivos que deverão ser concretizados de forma particular por meio de ofertas apropriadas e aprendizagens específicas e significativas, respeitando e reconhecendo a importância dos conhecimentos de experiências feitas com que chegam à escola¹. A escola nunca poderá ser uma “segunda casa” pois os professores nunca se substituirão aos pais, já que as suas funções não se intercetam nem se confundem, muito embora a cooperação entre escola e a família seja essencial para o mútuo sucesso porque a educação é um diálogo interdisciplinar, um processo contínuo e continuado que envolve comunicação e diálogo entre sujeitos que procuram superar o conhecimento que têm de si próprios (Freire, 2001).

UM NOVO CAMPUS EDUCATIVO

O ritmo das inovações tecnológicas, as mudanças no mundo do trabalho e do lazer, e as grandes transformações sociais do final do século XX, vieram multiplicar as fontes de informação e formação disponibilizadas sem qualquer controlo parental ou escolar. Os pais e a escola competem com múltiplas influências de socialização – televisão, redes sociais, jornais, revistas, cinema, moda, clubes desportivos, igrejas e associações e movimentos educativos mais

¹ Aqui há claramente uma reação provocatória às posições defendidas por Jonh Locke (1632-1704) que defendia que as crianças eram como um papel branco ou um bocado de cera perfeitamente moldável. Para o filósofo do século XVIII as crianças não possuem qualquer conhecimento prévio da realidade e entram na escola sem qualquer noção da realidade. Esta assunção filosófica ficaria conhecida como a teoria da *tabula rasa*.

ou menos informais. Muitos destes “concorrentes educativos” orientam-se pelas normas do mercado e por questões ideológicas e políticas e não pelos princípios e objetivos pedagógicos da escola e dos pais, pois visam o lucro ou alguma forma de poder. É o fim da unicidade e uniformidade de instituições e orientações no domínio pedagógico.

Daqui resultam algumas ameaças à ação pedagógica dos professores. Os “concorrentes educativos” também sabem o que é bom para as crianças e jovens e também sabem o que é certo. As fontes e a credibilidade do saber diluem-se implicando muitas vezes uma diminuição do estatuto do professor, afetando-o na autoestima. Por outro lado, os recursos e os meios dos “concorrentes” são em regra substancialmente superiores em qualidade tecnológica inferiorizando o poder e o estatuto da escola. Em terceiro lugar, cresce a dificuldade em realizar a educação dos alunos, devido à austeridade da escola na forma como organiza e disponibiliza a informação e os conhecimentos em contraponto com a vinculação estreita ao prazer no modo como os “concorrentes educativos” se relacionam com os utentes.

Assim, a atitude mais construtiva será a de repensar o papel da escola e do professor na sociedade e na educação das crianças e jovens, tornando-a mais realista e renunciando ao exagero de pretensões educativas globais, que serão, obviamente cobradas pela opinião pública devido às desmesuradas expectativas criadas à volta do papel da escola e do professor.

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA PROFISSIONAL

A relação pedagógica é um dos pilares do pensamento e do ato pedagógico. Pretendemos explorar esta dimensão para desenvolver o “sentido de particularidade da profissionalidade pedagógica” tendo sempre presente que o conceito do professor como responsável pelo destino e felicidade do aluno impregna ainda profundamente o auto-entendimento dos professores acerca da sua atividade. Em primeiro lugar o ato pedagógico é público! Por outro lado, é preferível considerar definitivamente que a profissionalidade (particularidade do ato pedagógico) e a totalidade ou abrangência se excluem mutuamente.

Quando o professor age dentro da sua especificidade pode aspirar a criar oportunidade para a aprendizagem. O contrário, ao querer abarcar a totalidade da personalidade pode levá-lo à manipulação e alienação na relação pedagógica.

A relação pedagógica é estabelecida no contexto de múltiplas relações com vários educandos no mesmo espaço e no mesmo tempo. Então, o professor deve manter com cada criança e jovem, uma distância (pedagógica) tal que, inclua no seu campo de ação, todos os intervenientes na relação e respeitando os saberes que possuem porque não existem educados e não educados mas sim graus relativos de educação entre si (Freire, 2001). Porque uma maior intimidade com uns implica necessariamente maior distanciamento de outros com o risco da sua exclusão da relação. A excessiva intimidade pode implicar o risco de invasão da esfera privada e possível degradação de relação pedagógica. Os alunos muito próximos podem cair numa relação intimista com o professor com forte probabilidade da degradação acontecer entre os extremos – cumplicidade inapropriada *versus* críspação e pouca consideração e respeito mútuo. A relação intimista com alguns torna outros invisíveis aos olhos do professor. Os alunos “invisíveis”, muito distantes na relação, tornam-se apáticos e desinteressados. Sendo a relação pedagógica uma via com dois sentidos e muitas variações, e até interrupções, não podemos esquecer que o aluno, como parceiro na relação, se apresenta com a sua individualidade e personalidade própria, que o professor deve respeitar, e pode não querer entrar nela. A relação pedagógica entendida como relação entre parceiros implica um estatuto de igualdade, apenas válido para o âmbito do objetivo da relação no caso a aprendizagem conjunta de alunos e um professor. Neste âmbito, pensamos que o conceito de igualdade destina-se a enfatizar necessidade de respeitar o aluno enquanto pessoa em construção em que alguns dos seus referenciais podem não coincidir com os do professor como seja ao nível cultural, religioso, ou até económico. Cabe ao professor idealizar oportunidades educativas que alarguem os horizontes de experiência dos alunos. Já a noção de aprendizagem conjunta pode significar para o professor a oportunidade de enquadrar nos seus processos de ensino e experiência profissional as novas realidades socioculturais, ou *nuances* destas, trazidas pelas experiências de vida dos seus alunos.

Aqui incluímos também o conceito de autenticidade humana como a tradução da competência. O professor comprometido com a sua profissão. Que encara as dificuldades do ofício como desafios e oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional; que se conhece e se aceita como profissional com um papel social a cumprir, mas que não se deixa esmagar pelo drama e a voracidade dos problemas sociais, porque a sua ação é de âmbito restrito ao grupo de alunos que lhe foram confiados e que é a esses que deve oferecer as oportunidades educativas específicas e adequadas aos propósitos da relação pedagógica, isto é, aos princípios e objetivos educativos da sua área científico -pedagógica.

UM NOVO PARADIGMA EDUCACIONAL

A evolução da sociedade e da tecnologia tem vindo a exigir uma qualificação académica e profissional mais elevada de todos os seus membros, fazendo aumentar a importância da escolaridade e condicionando o prolongamento do tempo obrigatório de formação académica.

A escola tem, no entanto, levado tempo a adaptar-se à evolução da sociedade. A escolaridade universal transformou-a numa escola de massas, sem que tivesse havido grandes alterações na sua estrutura e na sua cultura. O abandono e o insucesso escolares são apenas alguns dos problemas que daí decorrem (Coimbra, 2013). Ao aumento da importância atribuída à educação e à formação das crianças e dos jovens, está associada a consciência crescente do papel que a colaboração entre a escola e a família desempenha no seu sucesso educativo e académico. A própria legislação tem vindo, ao longo dos anos, a reconhecer o direito da família a participar na vida escolar dos seus educandos e a atribuir-lhe responsabilidades crescentes a esse nível. No entanto, a relação entre essas duas instituições é complexa e nem sempre pacífica. A velha distribuição de funções – a família educa e a escola instrui – está ultrapassada (Locke, 1996). O que compete à escola e o que compete à família nem sempre se torna claro e é uma discussão em aberto.

Observa-se, em alguns contextos, uma visão negativista da escola, considerada como uma estrutura pesada e pouco permeável à mudança, em que as reformas que a lei procura implementar e a mudança de mentalidade que as enformam não encontram um caminho fácil para serem postas em prática de uma forma generalizada, podendo perder-se numa acomodação burocrática. A esta visão contrapõem-se dinâmicas locais e personalizadas de procura de soluções, muitas vezes inovadoras, para os problemas concretos da ação educativa da escola. Trata-se de experiências interessantes, com origem num investimento pessoal de alguns professores, que merecem reflexão e estudo, das quais se pode retirar conhecimento útil para a generalização da mudança.

As escolas, como tantas organizações, seguem uma evolução dinâmica e conseqüentemente, têm ciclos de vida (Bilhim, 2006). Uma escola que, em dado momento não conseguiu estabelecer um nexo de união entre os seus membros pode ter sido, anos antes, um modelo de trabalho em equipa. As organizações escolares podem melhorar através da aprendizagem organizacional. A escola não é uma instituição isolada que funciona à margem de qualquer outra instituição ou sistema. É uma organização que faz parte de um conjunto de organizações situadas dentro de uma estrutura sociopolítica e que, estão sujeitas a fatores endógenos ou exógenos conforme as situações que se lhe deparam. Como tal, é constantemente afetada pelas políticas de educação empreendidas, pelas reformas implantadas, pelo tipo de educação/formação que é realizada, pelas inovações ou metodologias de trabalho e também pelos elementos que diariamente a constroem, mais concretamente os professores e pelas relações pedagógicas que se estabelecem entre os pares.²

É precisamente neste último aspeto que nos iremos centrar. Ao professor tudo é exigido e a nada é obrigado como refere [...] *o professor atua como mestre-de-cerimónias que dirige os seus alunos através de um ritual labirinticamente traçado. É o árbitro da observância das normas e ministra as intrincadas rubricas de iniciação à vida* (Illich, 1985, p. 45).

As mudanças operadas na sociedade, sejam elas através de mudança de mentalidades ou impostas por decretos-lei “forçaram” o professor a ser muito mais para além da sua formação académica. O professor será, no nosso

² Entenda-se por pares neste sentido os alunos.

entender, uma panóplia de coisas e uma mão cheia de nada. Os professores não souberam acompanhar devidamente este pseudo-progresso e por falta de investimento pessoal ou mesmo governamental as relações pedagógicas tornaram-se precárias bem como as relações com o principal parceiro educativo, as famílias.

Importa, desta forma, questionar que escola e que família temos hoje e como se processa a relação entre elas. Por outro lado, importa igualmente questionar as funções do professor e a forma como as mesmas são exercidas. Finalmente, poderemos refletir sobre a importância do professor para a promoção da colaboração entre a escola e a família. Colaboração escola-família: Que colaboração?

QUALQUER COLABORAÇÃO?

O exercício de ser professor leva-nos a refletir mais aprofundadamente (e a orientar a nossa prática no sentido de o confirmar) sobre as suas potencialidades para promover uma colaboração capaz de integrar todas as famílias; de as fazer sentir que a escola deseja a sua presença e a acarinha; que a escola lhes pertence e, sendo a “segunda casa” dos seus educandos, é um espaço onde se devem encontrar todos os intervenientes no processo educativo (alunos, professores e famílias), para partilharem preocupações e expectativas, para definirem estratégias de colaboração na prevenção e resolução de problemas e para conviverem e criarem relações de confiança e de entreajuda.

São estes os pressupostos de uma relação pedagógica eficaz? Será suficiente?

As relações pedagógicas que se estabelecem entre professor e aluno são muito importantes para que a tarefa principal da escola se concretize na sua plenitude. O ato de ensinar é uma competência complexa e para que tudo funcione na perfeição é necessário que professor e aluno estabeleçam relações de cumplicidade (não necessariamente de amizade), perfeitamente balizadas no tempo e no espaço, negociadas e acima de tudo, uma relação baseada no respeito mútuo pelos papéis que cada um desempenha. Assim sendo, o professor deverá munir-se de instrumentos reguladores da aprendizagem e deverá

igualmente ter algumas competências³ para que essas relações pedagógicas possam desencadear outras relações pedagógicas⁴.

EM JEITO DE CONCLUSÃO

Face ao exposto, aprez-nos referir que este trabalho é o resultado de uma reflexão profunda da nossa prática pedagógica, tornando-nos em profissionais reflexivos de *nós mesmos*. É claro que as relações pedagógicas pressupõem outros fatores mas pensamos que o caminho primeiro a seguir será, de acordo com Richard Denny⁵:

- Temos de estar motivados para motivar;
- A motivação requer uma meta - sem uma meta não existe objetivo;
- A motivação não dura sempre – motivação deve e tem de ser um processo contínuo;
- A motivação requer reconhecimento – o reconhecimento pode significar um elogio;
- A participação motiva – comprometer as pessoas nas tarefas traduz-se numa maior motivação do indivíduo ou do grupo;
- Os nossos progressos motivam-nos – quando estamos a progredir, a evoluir e a conseguir algo ficamos sempre mais motivados;
- Um desafio só motiva se puder ser ganho – um desafio só motivará uma pessoa se esta souber que tem possibilidade de o vencer;
- Todos nós possuímos um rastilho motivacional – todos podemos ser motivados para uma atividade ou um grande desempenho;
- É motivador pertencer a um grupo – a importância que as pessoas dão à sensação de estarem integradas.

³ O termo “*competência*” é bastante amplo e está associado a *capacidade, aptidão, resolução, conhecimento*; A definição de “*competência*” pressupõe a aquisição de um conjunto de conhecimentos e de processos que conduzam o aluno à compreensão, interpretação e resolução de problemas, desenvolvendo a sua capacidade de pensamento e de atitudes favoráveis à aprendizagem.

⁴ Apesar de a relação pedagógica pressupor professor e aluno, nesta fase o aluno ainda não sabe negociar o seu próprio processo de aprendizagem.

⁵ As nove leis da motivação segundo Richard Denny.

REFERÊNCIAS

- Afonso, N. (1994). As famílias no novo modelo de gestão das escolas. *Revista ESES* (5), pp. 31-51.
- Bilhim, J. (2006). *Teoria Organizacional: estruturas e pessoas*. Lisboa: ISCSP
- Campos, J. (2007). Paulo Freire e as novas tendências da Educação. *Revista e-Curriculum*, V. 3, n.º 1, dezembro de 2007. São Paulo: PUCSP. Disponível em <http://www.pucsp.br/ecurriculum>. Acesso em 7 de Outubro de 2016.
- Coimbra, B. (2013). Trajectórias escolares e profissionais de jovens pouco escolarizados - Estudo de caso num Curso Integrado de Educação e Formação (PIEF). *Conferência Internacional de Investigação, Práticas e Contextos em Educação*. Escola Superior de Educação: Leiria.
- Coimbra, B. (2013b). Políticas públicas de prevenção e combate ao abandono escolar - Estudo de uma medida educativa para jovens pouco escolarizados em Portugal. *Conferência Internacional de Investigação, Práticas e Contextos em Educação*. Escola Superior de Educação: Leiria.
- Coimbra, B. (2013c). Políticas públicas de prevenção e combate ao abandono escolar: leitura dos indicadores socioeducacionais em Portugal e na Europa. 1.º *Congresso Internacional de "Psicologia, Educação e Cultura*. Instituto Superior Politécnico de Gaya: Vila Nova de Gaia.
- Chora, A., Costa, F., Brito, G., & Marques, R. (1997). Direcção de turma e sucesso educativo: A história de um projecto. In: D. Davies, R. Marques, & P. Silva (Eds.). *Os professores e as famílias: A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Covey, S. (2002). *Liderança baseada em princípios*. São Paulo: Editora Campus.
- Davies, D. (Ed.). (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e perspectivas*. Lisboa.
- Durkheim, E. (2001). *Educação e sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Epstein, J., & Connors, L. J. (1994). A colaboração escola e família no 3.º ciclo e no ensino secundário. *Revista ESES*.

Epstein, J. L. (1997). *A comprehensive framework for school, family, and community partnerships*. London.

Freire, P. (1977). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Illich, I. (1985). *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes.

Locke, J. (s.d.). *Some Thoughts Concerning Education and Of the Conduct of the Understanding*. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Some_Thoughts_Concerning_Education Acesso em 10 de outubro de 2016.

Marques, R. (1997). Envolvimento dos pais e sucesso educativo para todos: O que se e nos Estados Unidos da América. In: D. Davies, R. Marques, & P. Silva (Eds.). *Os professores e as famílias: A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R. (1997b). A participação dos pais na vida da escola como uma componente do modelo da educação pluridimensional. In: D. Davies, R. Marques, & P. Silva (Eds.). *Os professores e as famílias: A colaboração possível* (pp. 106- 114). Lisboa: Livros Horizonte.

Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógicas*. Porto Alegre: Artmed.

Rodrigues, M. (2012). Os desafios da Política de Educação no Séc. XXI. In: *Revista SOCIOLOGIA Problemas e Práticas* - n. 68 (Janeiro-Abril 2012). CIES-IUL/Editora Mundo Sociais. <https://doi.org/10.7458/SPP201268698>

Welch, J. (2005). *Vencer*. Lisboa: Actual Editora.

Whitaker, P. (1999). *Gerir a mudança nas escolas*. Lisboa: Edições Asa.

Direitos Autorais (c) 2016 Bruno Alexandre Miranda Coimbra



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)